

FRAGMENTOS

A ERA DAS MACHINAS

Pedro *Eugene Pelletan*, escriptor francez dezenovista, o inspirado propheta do Progresso, o ardente arauto das grandes novas, o apologista dos bellos triumphos, nos meados do seu seculo, burilou o vibrante *Le monde marche*.

Se sobrevivesse mais uns sessenta annos e assistisse aos assombros da civilisação industrial da actualidade, que diria o eminente sociologo? Num rasgo de enthusiasmo exclamaria:—«Não ha duvida, a perfectibilidade humana é indefinida, não tem fronteiras o progresso. O homem venceu o espaço, adaptou-o ao seu querer e já vôa mais do que a aguia. A aeronautica é uma brilhante realidade. E o futuro? Quem o pode prever?».

Vae longa, muito longa a caminhada.

Aqui, destas elevações descortino a figura primordial da sociologia, o facto capital da historia, a evolucção que, inflexivel, vae o seu itinerario, acelerando-se á proporção que accumula novas descobertas e enthezoura mais experiencia.

O frio, o calor, o tempo, o espaço, a noite teem sido dominados Até a morte pela escriptura—no dizer de Jean Izoulet (La cité moderne, pg 257).

Não raia pela inverosimilhança a affirmativa do egregio escriptor. A lembrança do morto fixa-se na veneração dos contemporaneos e da posteridade.

Estamos distantes, muito distantes, do homem prehistorico.

Acareemol-o com o contemporaneo.

Confrontemos o homem da edade de pedra (periodo palleolitico, epocha miocene) com o vintista.

Comparemos a habitação *lacustre* com os prodigios da construção de cincoenta e seis andares, com os projectados de cem, furando o espaço, perdendo-se no seio da amplidão.

Ponhamos o silex bruto daquella industria rudimentar defronte das maravilhas da moderna.

Que differença! Vae um abysmo, sem fundo, sem borda, entre as duas epochas!

Está claramente provado o desenvolvimento humano, a solidariedade do esforço civilisador!

A sciencia do valor, da machina, a economia politica, nos auges da mais esplendida manifestação, é a primeira na vanguarda das sciencias do XX seculo.

Já mostrou da maneira mais completa e efficaz a utilidade da machina. Já disse que os seus inconvenientes passageiros são, larga e sobejamente compensados, pelo fim utilissimo do machinismo.

A machina é o formoso symbolo, o mais representativo da civilisação d'um povo, d'uma epocha. E' a multiplicação dos productos—mais, mais barato, mais rapido e melhor. E' contemporanea do homem, e quase sua irmã gemea. Acompanha o silex o homem miocene, como ao de hoje o aeroplano.

Foi muito impugnada. A' frente dos impugnadores brilham homens do tamanho do preclaro publicista, Barão de Montesquieu, em pleno XVIII seculo.

Mas já está de todo vencida esta impugnação, desde a argumentação logica, cerrada e incontradictavel do

economista francez, F. Bastial, no seu celebre *Ce qu'on voit, ce qu'on ne voit pas.*

O homem das camadas terciarias, com a sua arma rudimentar, mal lucta com os gigantes da fauna de então.

Na sua morada *lacustre*, que desconhecia o fogo, era mero escravo de todas as forças da natureza.

E o vintista, senhor dos milhões de portentos de sua intelligencia privilegiada, já escravisou todo o mundo ambiente.

Não tem limites o seu dominio.

Já augmentou os continentes, rasgando terras, abrindo canaes interoceanicos (Suez e Panamá), communicando mares, approximando povos.

A crôsta terrestre tem sido de todo bolida, revolvida e escalvada. As locomotivas voam subterraneamente. Ha um seculo ideiaram um caminho sob o solo da Mancha. Projectaram cem annos depois ligar as Ilhas Britanicas ao continente por uma estrada de ferro subterranea.

Hontem á tarde foi feito o percurso, sem accidente, em aeroplano de Londres a Pariz, atravessando a Mancha, e a viagem de Pariz ao Egypto por sobre o Mediterraneo

E amanhã demanhã a travessia do Atlantico, vindo do velho ao novo mundo.

O espaço está sendo conquistado pela vontade do homem.

A navegação aerea está em começos, entretanto, o aeroplano já conseguiu o vertiginoso vôo de cento e oitenta kilometros por hora.

A aviação, que fôra prophetisada, ha dois seculos, pelo brazileiro Bartholomeu de Gusmão, o *Voador*, está constituindo a admiração excessiva do nosso tempo.

São diarios os desastres, mas o genio do homem é persistente e teimoso, resiste a todos os infortunios ou delles vae tirando mais energias para a lucta, não se descoroçôa, promette vencer... e vencerá! A lucta tem sido tremenda, mas afinal, é certissimo, o triumpho será a recompensa do homem

O enthusiasmo já se avisinha do delirio, se apodera de todas as nações E' ainda o pioneiro da aeronautica, o desbravador das alturas, um brazileiro, o inclyto Santos Dumont, que acaba de receber, na capital do mundo a mais imponente das consagrações

A França ergue um bellissimo monumento ao genio da aviação e dedica-o ao nosso compatriota

Conta-se que Napoleão, n'um repto de atrevimento, mandara riscar dos diccionarios a palavra—*impossivel.*

Pois bem. Esta palavra tende a desapparecer, porque, com o fluir dos annos, o homem não terá mais tropeços e de descoberta em descoberta, de invenção em invenção, vae se constituindo o senhor absoluto do mundo.

Vão dia a dia se possibilisando muitas impossibilidades.

Quem não leu, quem desconhecerá aquelles feiticeiros contos que a princeza arabe Shehrazade, filha d'um vizir do rei Sheriyhar, lhe narrara?

Estes contos de *Mil e Uma Noites* eram uma opulentissima phantasia do Oriente, estão se tornando a mais luminosa realidade do Occidente, em plena alvorada do seculo dos segredos, dos mysterios de Eleusis, dos milagres da electricidade.

Curiosa e interessantissima é a origem d'aquelles empolgantes contos A formosa princeza, por motivos plausiveis ou ficticios, fôra condemnada á morte. Para salvar-se inventou aquellas captivantes historias que, por mil e uma noites, prendeu o coração do rei, que lhe deu, com a vida, a mão de esposo!

E o homem vintista, não phantasiando contos, mas dando effectividade, fazendo reaes aquellas historias fabulosas, que premio terá?

Qual? Qual a recompensa desses arrojos de intelligencia, que não conhecem embaraços?

A immortalidade?

Dizia Dubois-Reymond que o XVIII era o seculo dos heroes e semideuses

E o nosso, no meio de tantas sumptuosidades, por entre tantas grandezas, diria o sabio allemão, se vivesse hoje, que era a era dos semi-deuses sem o prefixo.

A SOLIDARIEDADE

DAS INDUSTRIAS 2

Graham Summer conta o seguinte apologo arabe:— «Um ancião quiz saber o grau de estima que lhe tinham seus três filhos. Chamou-os, botou-lhes a benção e disse: Quero que cada um me dê uma demonstração de affecto, offerecendo-me o que de mais util entender. Larguem-se pelo mundo e d'aqui a um anno tragam-me as provas.

Seguiram os filhos para paises remotos e após grandes canceiras obtiveram os desejados presentes. O primeiro, um espelho que, vencendo todas as distancias, mostrava o que se passava em qualquer ponto da terra; o segundo, um carro que voava; o terceiro, um elixir que curava todas as molestias. Reunidos, viram pelo espelho o seu velho bastante doente. Com o carro transportaram-se ao ninho paterno. Com o elixir restabeleceram a saude do bom velhinho. E ficou este sem saber a qual d'elles mais devia, pois todos tinham concorrido para pôl-o bom».

Esta bellissima fabula adapta-se perfeitamente ao *caso* das industrias, cuja solidariedade faz a opulencia do nosso tempo.

Ellas se completam na grande lida do progresso. Todas se equivalem, cada uma fazendo a sua tarefa especifica. Umas fabricam o material da civilização, outras trabalham sobre este material cooperando todas, cada uma na sua esphera, para os mesmos grandes fins. A evolução das industrias foi lenta, gradual, contínua. Desde a madrugada da historia, mergulha nos primeiros tempos, atravessa, altaneira e sempre bemfazeja, todas as estratificações do evoluir humano Tem historia interessante, tão velha como o mundo, dando n'este inicio da idade vintista a

sensação de grandeza que assombra da potencia da intelligencia.

Das industrias brotam as flôres: os fructos do progresso, qual mais bello, qual mais perfumoso, segundo o artistico e bem acabado do trabalho. Esta elevação e pompas das industrias se tem photographado, de tamanho desmesurado, nas Grandes Feiras de Paris, de Chicago, de S. Luiz e de Milão. E exerce no actual momento historico enorme influencia.

Cégos os que não querem vêr a sua alta preponderancia social. Carrega em seu vasto bôjo os elementos de que se compõe o nosso bem estar.

Assim como a cidra da Normandia d'Os Sinos de Corneville ou como o elixir do terceiro filho do velho do conto arabe medicava todas as enfermidades, assim as industrias na evolução actual offerecem em seus infinitos tentaculos recursos a satisfazer as mais finas necessidades, os mais requintados desejos, os mais apurados gosos. A cada canto, a cada momento surgem de seu seio portentos como do meio da bahia de Reggio emergiam outr'ora os encantos do castello da fada Morgana.

Discurso

SR. PRESIDENTE,
SR. D. JOAQUIM,
MINHAS SENHORAS,
CAVALHEIROS.

Os perfumes da sympathia, as joias da urbanidade, os encantos do apreço—que nos trazeis—são as galas d'esta solemnidade, são os brilhos desta festa e constituem a consagração do direito de cidade—que vindes outorgar á «Fabrica de Meias».

Pudesse eu cinzelar no marmore branco de Carrara os lavores do agradecimento dos donos da casa! Não o permitte a minha insufficiencia—mas aqui faço a confissão do desejo não satisfeito.

Foi, cavalheiros, á 23 de junho de 1891, ha hoje precisamente tres annos dia a dia, alguns homens de acção, uns sementeiros do progredir cearense, uns sonhadores do engrandecimento do nosso torrão querido, se reuniram em um escriptorio do commercio, discutiram, resolveram e constituiram a companhia fabril cearense de meias.

Pairava já no ambiente de então a idéa do adelgaçamento da crise cearense pela industria. Um sopro de renovação inaugurava uma era nova.

Constitue-se a «Fabrica de fiação e tecidos da União Commercial». E' tambem do mesmo tempo a «Fabrica de Cortumes»—que já inicia os seus futurosos trabalhos nos imponentes e mais vastos salões do norte do paiz.

Installa-se a companhia de meias. São eleitas as primeiras directorias—que se põem em actividade e nesta faina serena, mas insistente, obscura, mas pertinaz, con-

tornando difficuldades de todos os tamanhos, que as assoberbavam de todos os lados, dominadas da magnitude do fim, labutam com o valor e confiança do mouro e começa a colorar-se o horisonte dos tons da alvorada do objectivo! E' uma effectividade o sonho dourado de hontem. E' uma realidade a «Fabrica de Meias».

Lá se vão apenas tres annos e no solo juncado de espinhos da iniciativa d'esses fortes já desponta o primeiro botão da primeira flor. O ar se impregna de suaves odores na primeira florescencia do modesto jardim, regado por copioso suor, mas presidido por um genio bem-fasejo e mysterioso—que exhibe as primicias de tantas fadigas, os primeiros fructos de diligencias sem conta.

Neste chão hontem tapisado de matagal e urzes—ergue-se agora severo templo de trabalho.

Aqui dentro olhae... estes fios delgados, como os da teia do Penelope—que sobem e descem em movimento rythmado, são os nervos vertebraes da nossa vida economica, nelles voluteia a psychê dos nossos empenhos. Alli fóra eleva-se, como uma pyramide, a parecer mergulhar na nuvem—que passa, a chaminé da Fabrica, a mais alta da cidade. E' a cratera do vulcão da industria a sacudir a lava candente do nosso labor. Enraiza na tenacidade de seus fundadores e é colmeiada pelo favo dos risos do porvir.

O Ceará, meus senhores, sabeil-o melhor que eu, é pequenino pela dimensão do territorio, mas grande, muito grande pela dimensão do infortunio—a provança—que o estimula, a pedra de toque que o acrisola; é pequenino pela opulencia do ouro, que lhe falta, mas grande, muito grande pela opulencia da fortaleza, que lhes sobra na lucta contra forças—que o solapam de continuo. Tem um inimigo implacavel, a sêcca, a sêcca tem um filho horrivel de feio—a miseria. Mas percutido por sua endemia, a divindade inimiga, como «o flagello de Thebas a enriquecer á Plutão de lagrimas e gemidos» (1). Não se aniquilla, tira energias da refrega, e a cada embate enrija-se mais garboso, recuperando seu logar ao sol,

dilatando as raias de suas conquistas! Sempre altivo, sempre nobre!

Por toda a parte desata a industria em flor luxuriante e olorosa, renovando os prodigios dos contos orientaes. Seus dominios já não têm fronteiras ou as têm maiores—que as do imperio de Carlos 5.°, onde o sol não nascia nem se punha! Abrem-se montanhas, fecham-se abysmos, ligam-se os mares, somem-se as distancias, approximam-se os povos e a nevrose da industria lá vae dando corpo ao formoso milagre do seculo de Lesseps e de Edison!

E o Ceará é caminheiro sem descanço d'esta jornada para a luz, desta romaria para o futuro!

Conta uma tocante tradicção celtica — que um dia adormecera orando o monge S. Keivin, com os braços estendidos ao peitoril da janella do seu cubiculo. Uma andorinha—á procura de um beiral de telhado onde armasse o seu ninho—depara com a mão aberta do frade e na palma pousa, como em asilo seguro. Desperta o santo, vê a mãe carinhosa, aninhada sobre os óvos, tem pena de desalojal-a do tepido conchêgo e petrifica-se durante a demorada incubação até que os andorinhos empennam, desprendem o vôo e se vão espaço em fora. A complacencia do thaumaturgo salvara a innocente prole.

O Ceará faz applicação da lenda commovente, batido da aspereza do seu clima, imita ao bretão altruista, abre os braços á industria, olhando a ampla senda que vae ter aos muros da christalisação de seus ideaes.

O espirito de associação, novo genio alado de Persia, accorda com o rumor alviçareiro das alegrias multitudinarias. Alliam-se homens e capitaes na affectuosa benevolencia, na intimidade doce a amoravel dos santos da Bretanha pelos passarinhos.

Achab, rei de Israel, que era muito rico, não se presumia, por não ser senhor da vinha de Naboth, á quem fizera lapidar. O Ceará não tem tão desmesurada ambição. Seu ardor de fortuna cabe dentro das barreiras do trabalho honesto! Mas neste circulo é acirrado o seu afan, será inevitavel o seu triumpho!

Transpomos o limiar de luminosa lei sociologica. O augmento do nosso bem-estar está na rasão directa do augmento da nossa cultura, do augmento da nossa industria. O nosso thesouro se encherá na linha inversa das forças de destruição que se affastarão a pouco e pouco. O nosso progresso é o doloroso producto de desapiedada batalha!

Para terminar. Houve um austero romano que se notabilisou na historia por uma palavra, que era a sua idéa fixa, a sua visão dominante—«*Delenda Carthago*», carece destruir Carthago!

Imite o Ceará a concepção absorvente de Catão, destrúa as cruezas de seu anjo rebelde fazendo-lhe guerra sem treguas, pela paz, pelo trabalho, pela officina, pela fabrica, em uma palavra, pela industria, que é a semente opima do nosso progresso, o nome proprio do nosso adiantamento, o verbo do futuro da nossa terra.

O Jornalismo

Lord Morley, conspicuo politico inglez, no «Congresso da Imprensa» ultimamente em Londres reunido e assistido de todos os jornalistas primeiros da Inglaterra, debatidos magnos assumptos, no dia em que agitaram a these «literatura e jornalismo» disse um substancioso discurso, notando—que seus collegas lastimavam o tempo gasto com aquelles themas, que elle reputava do mais alto significado, pois era muito apertado o nó, que prendia a literatura á nação, que era ella o elo mais durador e mais forte, tambem mais vasto e mais profundo do que os grandes feitos dos soldados e dos marinheiros.

Shakspeare, Burns, Bunyan, Swift são os primeiros pedreiros da grande mole da patria. O jornal rasga a toda a gente os mais dilatados horizontes, leva-os aos palacios dos reis, ao tugurio do operario, viaja pelos grandes agrupamentos humanos, pelos hospitaes, pelas prisões, mostra-lhes o mundo inteiro, fazendo ensinamentos.

Foi uma assembléa augusta, imponente, magestosa —berço da solução de grandes problemas de ordem e progresso mundiaes.

Que profissão bonita, nobilissima a do jornalista!

E' dono do segredo de definir situações, do condão de destrinçar os lances da vida.

Nas democracias vintistas questionam-se, contestam-se todos os poderes; de dia para dia cresce *de cent coudées*, é incontestavel o da folha impressa, que vae avassalando tudo—tudo dominando nos seus irresistiveis tentaculos.

Um simile.

Nos tempos idos, que bem longe vão, lá para as bandas do oriente, lá tão longe, bem nos fundos, a fas-

cinante e formosissima sultana, Sheherazade, encantava a Shehriyar com as fantasias tumultuosas de sua opulentissima imaginação. Nas mil e uma noites trouxe suspenso o alfange que devia degolal-a. O principe, attrahido de tanto feitiço, relevou a pena cruel que devia matar a moça, que subia ao principado. Ella triumphou! . . .

Na actualidade, o jornal, nova Sheherazade subjugada da soberania do *facto*, photographa a realidade, narra o acontecimento do dia, tira-lhe as consequencias, impõe-se como poder sem appello, como realeza, que é.

Vence a batalha maior com o maior bacamarte—a pequena penna, que só pinga tinta, nenhuma gota de sangue.

Em dias do seculo passado, perguntava Carlyle «o jornal, director da opinião, não governará o mundo?»

Conta-se de Gladstone—que deveu a sua maravilhosa actividade a descanço singular—a simples mudança de occupações.

Imitam ao trabalhador genial os airosos rapazes da brilhante pleiade da "Phenix Caixeiral". Buscam o lazer dos trabalhos exhaustivos do dia no reconforto dos trabalhos do futuro—no desenvolvimento e expansão das forças do espirito. São os grandes crentes do grande culto do trabalho - em cujo ambiente purissimo respiram os haustos sadios do saber.

O marco oitavo hoje fincado na jornada para o amanhã—é o regosijo de tenacidade de energias sem hesitações, sem desalentos, sem treguas.

E nesta estirada caminhada galgaram os moços da festa de hoje muito precipicio fundo, contornaram muita escarpa difficil, treparam muito outeiro alcantilado e eil-os aqui lepidos, dignos, triumphantes.

Param, olham voltados a ver o tracto percorrido e sorriem-se e orgulham-se da situação evidente feita a rasgos de habilidade, de engenho, de pertinacia.

Teem e devem ter muita altivez de seu valor. Pertencem á legião dos brazonados da nossa idade.

O «24 de junho phenista» é uma data notavel da mocidade cearense a amontoar os dias solemnes deste pedaço da terra brazileira.

As homenagens de minha sympathia e de minha admiração á

"PHENIX CAIXEIRAL"

Uma sabbatina civica no

"Instituto de Humanidades" 6

A Joaquim da Costa Nogueira

Fui hontem conviva de uma festa intima, encantadora.

Ante-hontem, á noite, encontrou-me visinho á Livraria Araujo o professor Joaquim Nogueira, que me disse ter sabbatinas todos os sabbados no seu collegio e me convidava a uma civica para o dia seguinte ao meio dia.

A' hora aprasada lá me achei com os meus illustres collegas drs. Francisco Rocha e Soriano. Percorremos diversas dependencias do estabelecimento começando— professor Nogueira por agradar-nos com o aproveitamento de seus discipulos no curso medio a cargo do distincto professor Generino Maciel, que excederam em calculos arimeticos os alumnos Gilberto Gurgel e Joaquim Virgulino—passando depois a outro curso médio a cargo do collega dr. Joaquim Pimenta, sobresahindo em geographia o alumno Raimundo Clovis Monteiro.

O professor Nogueira é um predestinado, tem a intuição da escola, nasceu educador, que o é com nitidez.

A meninada que o cerca—um vasto formigueiro— é tratada com o carinho de pae.

Tem-se ali uma atmosphera muito alegre. Respira-se muita saúde.

E o director é um benemerito desta terra que elle ama com entranhado amôr, com todas as energias de sua alma de patriota e deve-lhe o maior apreço.

Entendia elle que a disciplina para cuja sabbatina convidava-me é uma contribuição de largo alcance no desenvolvimento politico e social do povo e portanto fazia parte de seus programmas.

Penso do mesmo modo dizendo-lhe que a instrucção civica é parte essencial do regimen democratico.

E' traço principal ou caracteristico do processo republicano, disse o dr Francisco Rocha.

E isto foi licção que eu aprendi devorando as paginas superiores do velho santo Emile Littré que escreveu que—«no mundo contemporaneo o grande combate é o da educação e a da escola.»

Foi a instrucção civica que deu a grande victoria ao exercito allemão em 1870; o soldado francez não sabia para que lado ia o *abc* civico.

A' hora regimental sentámo-nos o dr. Francisco Rocha, o dr. Soriano e eu á mesa professoral. E começou o esperado torneio—de um lado arguia o illustre e competente professor José Aguiar e do outro vinha incontinenti prompta resposta da meninada, que discreteava brilhantemente sobre o civismo, monarchia, republica unitaria e federativa, soberania, liberdade, autoridade, etc., destacando se os alumnos Affonso da Costa Ribeiro, Pedro Herbster Menescal e José de Castro Monte.

Aos dois primeiros abraçados foram conferidos dois ricos premios, ficando o terceiro notificado para receber o seu em sabbatina identica em outubro. Os premios foram entregues pelo dr. Soriano que aproveitando a occasião improvisou um bellissimo discurso sobre ideial republicano, indo encontrar os seus prodromos em 1710 em Pernambuco e vindo atravez a inconfidencia mineira. 1817, 1824, até quando triumphante em 89.

Fechou a festa outro bonito discurso pelo professor Orlando que em nome da directoria agradeceu. Ambos os discursos foram ouvidos entre acclamações e acabaram por applausos ruidosos.

A's 2 da tarde desciamos as escadas daquelle encantado solar e no meio de um alvoroço indescriptivel e do alarido esfusiante daquella mocidade barulheira, vi-

vissima, esplendorosa, daquella mocidade donde sahirão os timoneiros do amanhã cearense.

Foi uma festa encantadora de que eu aqui deixo as minhas mais gratas impressões.

Clarindo de Queiroz

A d. Mariquinha de Queiroz
e Maroquinha de Queiroz.

A patria ajoelha á beira de um tumulo que é a fronteira da vida e da immortalidade.

O heróe se foi, mas a sua gloria, que é um patrimonio nosso, nos estende, como aguia altaneira, as suas asas tutelares.

Abriu-se a terra da patria para guardar insensivel um coração que por ella palpitára com os arroubos de paixão frennente. Passou aos dominios da saudade e da memoria o grande brazileiro que se chamou José Clarindo de Queiroz.

A minha banca de trabalho é um santuario onde fulgura, como um estimulo, o retrato de Clarindo. Sua sombra é para mim como uma egide acariciadora. Tenho nalma, como em ara sagrada, a sua imagem de homem de bem.

Estatura acima do commum, cheio do corpo, tez alva, muito pallida, barba aparada e espessa com fios de prata botados pelos dissabores, fronte larga, olhar franco, sorriso perenne, muito affavel, muito polido, tinha Clarindo no rosto, nas palavras, em seus sentimentos um quê de severo e de lhano que encantava. Sabia communicar aos outros a sua extrema bondade que fazia vibrarem os sentimentos bons em quantos tinham a fortuna de cercal-o, respirando a seu lado um perfumoso ambiente de honestidade, de virtude Naquelle Clarindo tão honesto, como sincero, tão sincero como valente, tão valente como carinhoso se alliavam duas forças—a masculinidade de ca-

racter e a doçura feminina, a bravura do heróe e a candura da creança Sua alma tão doce e tão forte offerecia larga superficie de resistencia aos perigos que nunca lhe fizeram contrahir um musculo da face; arrostava-os com sobranceiria, sereno e sempre egual nos triumphos, que os teve soberbos, como nos revezes que o mataram.

Era um forte que vencia risonho o embate das rajadas, o renhido das pelejas. Altivo e calmo, á maneira de Condé jogando por sobre as muralhas o seu bastão de commando, Clarindo abafava todo o seu egoismo para se immolar nos altares da patria que adorava com o desprendimento de um espartano, com o altruismo de um brazileiro. Ao serviço d'ella, no esquecimento de interesses pessoaes sacrificou-se, morreu no pino da maturidade.

Era um dos brilhantes lapidarios do mais bello monumento da historia brazileira — a guerra do Paraguay donde trouxe o mal que cresceu alimentado pelos revezes que levaram-no depressa á ultima morada. Em pleno vigor foi posto á margem, elle um dos primeiros da classe que se orgulhava do companheiro, reformado elle com o peito coberto das insignias de eminente quinhoeiro das glorias patrias, elle um triumphador, cujo nome impolluto, como um estandarte, avultará dia a dia!

Nasceu obscuro, em canto ignorado da sua terra— não conheceu os frouxeis de um ninho macio. Nas tradições, porém, de sua familia, que enraiza no passado, encontrou estimulos que lhe povoaram a mente de sonhos dourados. Quiz ser grande e o foi. Fitou a sua estrella e seguiu caminho com a coragem de um cruzado. Nunca arrefeceu, e nunca passou por sua alma de crente o sopro do desalento. Subiu, subiu das abas da montanha a seus pincaros, onde viceja a fina flôr das consagrações da tenacidade e do valor. Quiz vencer e venceu. No lar, na intimidade era de um coração transbordante de affectos, de extrema affabilidade. Não nutria odios, perdoava ao menor aceno. Na vida publica um modelo de virtudes civicas, sempre muito aprumado, era um livro de moral, que doutrinava com as larguezas de um prodigo.

Era um bom e um forte.

Nas justas guerreiras um Bayard, *le chevalier sans peur et sans reproche*. E a sua fé de officio póde ser intercalada como pagina fulgentissima em nossa historia.

Com intenso brilho para seu nome e para a terra de seu berço desempenhou-se de importantes commissões militares e civis.

Foi talvez máu politico, immolando no tabernaculo de suas convicções, de sua extremada sinceridade, conveniencias partidarias. Parecia-lhe isto a rectilinea da intransigencia do democrata escrupuloso, do homem de bem.

«A politica, é phrase celebre de Bismarck, é a arte de accommodar-se ás circumstancias e de tirar partido de tudo, até mesmo daquillo que nos desagrada».

Clarindo era soldado, imbuido da franqueza proverbial dos quarteis, da simplicidade de mostrar nas linhas do rosto o que lhe ia nas dobras da alma. Não sabia ter as subtilezas de Metternich, nem o sorriso fino de Talleyrand.

Tinha o seu ideal e despreoccupado ascendia á ladeira do outeiro politico para dar-lhe corpo lá em cima.

Repugnava-lhe amoldar-se a todos os altos e baixos da caminhada—resistia, feria se nas arestas—não tinha a flexibilidade precisa para o justo equilibrio e desconcertava-se no cume do monte, onde devia plantar o seu marco, realisar a sua utopia. Dava se n'elle uma obliteração de regras praticas da politica.

Subindo cahia, mas cahia para cima.

Mas se foi máu politico, como bom homem de guerra, foi bom administrador—limpo, correctissimo.

Quando se quebrarem ao longo da praia as ondas da actualidade, do fragor das paixões, quando este mar se fizer tranquillo, a historia registrará o governo de Clarindo no Ceará—que deu á moralidade administrativa um culto severissimo, d'elle emanam incitamentos luminosos, n'elle transluzem as pegadas de um administrador honestissimo e armado do mais acrisolado patriotismo.

Nota de relevo. Em 1881 assistiu o paiz a unica eleição livre do antigo regime. Presidiu-a seu autor que

pela primeira vez elevou o eleitor ás alturas de mola necessaria no funccionamento do governo representativo. Não tivesse outros titulos e só este era de mais para a mais alta benemerencia da patria ao encanecido estadista.

Em 1891, no Ceará fez-se a primeira, talvez a unica eleição verdadeiramente republicana da republica.

Clarindo, penetrado de fundo sentimento democratico, inspirado dos genuinos principios do governo do povo pelo povo, ligado a sagrados compromissos de honra, com os olhos fitos na imagem santissima da patria—presidiu a eleição do senado estadual—dando plena liberdade ao eleitorado que se moveu e votou na amplitude de sua soberania.

A liberrima, a singular eleição do senado do Ceará é titulo immarcescivel, que no futuro rasgará as grandes linhas para a historia do grande morto—que deu á sua terra, no conceito do poeta hespanhol, bellos fructos de bemdicção.

O grande brasileiro, cuja morte prematura soluça sentida a patria, tinha titulos para a eminencia de muitos homens.

Fecho com a peroração do meu discurso na installação do Tribunal de Appellação do Estado a 16 de Julho de 1891 na presença do governador, a quem me dirigia—«a vós, inclyto chefe do governo, que ligaes para sempre o vosso nome glorioso a esta data a nossa profunda gratidão. De vós podemos repetir o que se disse de Washington:—O primeiro na guerra, o primeiro na paz, o primeiro no coração de seus concidadãos».

Uma santa fusilada

A R. Torcapio.

Nenen, a bem adorada filhinha do Torcapio, a amada joia de Maroca Santos - nascida em berço perfumado de flôres e risos - crescida na maciez de caricias sem par, carregando no sangue grossa caudal de encantos e virtudes -- finou-se ante-hontem ás 10 horas da noite immolada por seu marido o alferes do 2.º Batalhão Julio Nunes de Mello, que, chamando-a do aposento de sua mãe d'elle, a cujo lado já estava recolhida —, a leva para o seu quarto e lhe desfecha, a queima roupa, um tiro de revolver. Nenen cahe de joelhos com um grito de suprema angustia a repercutir lugubremente por todo o quarteirão, que dormia o somno do socego. Minutos depois (!) 2.º e 3.º acabam de matar a pobresinha.

Ha seis annos sahia ella dos carinhos do lar paterno —vestida de noiva com o coração cheio de sonhos de felicidade. Ante-hontem, alta noite, voltou vestida de morta, roupas ensopadas do proprio sangue e ladeada de 3 avesitas implumes que mal accordam para a vida a madrugar lhes, cruissima - desfazendo um ninho apenas entretecido.

Nenen, a pobre Nenen, era só coração -- para, com extremos de meiguice, amar aos pedaços de sua alma — Nise, Zeli e Maria - trindade de creaturinhas galantes, risonhas, mimosas—orphanadas por desamor do pae infeliz a soffrer morte peior que a infligida a companheira —fadada aos afagos da sorte—e cahindo fulminada por um sossobro da fatalidade—aos 22 annos!

Um crime sem igual, nos annaes da delictuosidade cearense. Explicarão o hediondo lance leis do atavismo?

Um crime sem causa dada pela assassinada—que era uma mulher impolluta, sem mancha—como confessára o assassino a seus collegas de farda ao refugiar-se no quartel, descalço, desmantelado, assombrado de si mesmo, ainda sincero na gravidade do momento.

Passa para as causas celebres a malvadez incomparavel do desnaturado—que deslustra o galão—tão assentado nos companheiros que lhe dão exemplo de soldados *sans peur et sans reproche*.

O feito tragico lembra o apologo do «açor e da calhandra». Esta fascinada da limpidez do espelho approxima-se do laço, mas antes cae empolgada nas garras aduncas do açor, que por sua vez vae de encontro á lei fatal, se enreda na armadilha e vae se acabando aos pedaços.

O caso consternou fundo a alma socegada d'esta terra—que—em peso—acompanhou a morta á ultima morada em cortejo funebre commovido o numerosissimo—que já entrava na casa dos mortos e ainda dobrava a curva do bond na rua visinha.

A mais imponente, a mais maguada manifestação de pena, pelo funesto acontecimento.

A morte do Cura

Padre José Teixeira da Graça.

Conta legenda antiga que quando se finava alto funccionario da terra dos Pharaós quarenta juizes procediam a rigoroso inquerito para verificar se o morto se desviara em vida da linha recta do dever ou se fôra a elle devotado. Era no primeiro caso condemnado ao despreso publico, no ultimo, dignificado por exequias sumptuosas

As honras funebres, pomposas e edificativas, espontaneas e imponentes hontem prestadas no sahimento do Padre Graça são a prova da fascinação de um coração formosissimo, de uma palavra de doçura acariciadora, são a consagração de um bom que muito amou e, em larga retribuição, muito foi amado.

Uma lufada inesperada, violenta, sacudiu ao magestoso cedro, arrancou-o, deitando-o por terra, não, não cahiu, elevou-se na opinião onde dia a dia com arte meticulosa construira magnifica basilica para a sua memoria ficar como sentinella da virtude que cultivou.

Graça tinha cavado no terreno uberrrimo das sympathias fundissimas raizes. A sua morte que emocionou a Capital inteira é a evidencia ruidosa do facto. Era Graça opulentissimo de graças para quantos se lhe approximavam enfeitiçados da bondade inesgotavel a orvalhar a flor das amizades. Desprendido e intelligente gosou do dom da soberania, de autoridade incontestada, e da affeição sincera e pura.

Era saturado de perfumoso ozone de meiguice e affabilidade, de nobreza e elevação o ambiente em que respirava o illustre morto, cuja suavidade exercia verdadeira magia.

A attracção irresistivel por elle inspirada dormia vivida, mas quazi latente na estuosa alma da familia cearense que na agonia derradeira d'elle, tumultuou, alvoroçou-se de modo desusado, levantando-se na onda fremente que se desfez na copiosa lagrima de saudade e gratidão na vasta nave da Sé, na rua, no Cemiterio, no «acompanhamento» ao pastor querido que se partia para a longe viagem...

Bôa noite, bom Cura!

Em 25 de julho.

Silveira Martins

1893

Fronte protuberante a Berryer, olhar fascinante d'agia a Leon Gambetta, estatura elevada, como Jules Ferry, o alto montanhez dos Vosges, gestos largos, como os tem Waldeck-Rousseau, como os tinha Mirabeau, physionomia attrahente—onde se reflectem todas as suas emoções, tem Silveira Martins a mascula belleza dos grandes oradores, é um dominador da tribuna. Sua palavra colorida e flexivel,—que sae dos fundos de sua alma, como uma torrente, fragorosa, como uma cascata—patrocina todas as causas liberaes, está sempre ao serviço dos opprimidos.

Entrando para a vida politica, o seu primeiro discurso na Camara dos deputados, vibrante de patriotismo, cheio dos ardimentos de quem não tem mêdo e se escuda na brancura da consciencia, altivo como os serros nevados das montanhas da terra de Bento Gonçalves, produziu delirosa ovação. Uma estréa triumphal.

Uma serie ininterrupta de victorias tem sido a carreira do triumphador. Chamado aos conselhos do governo, impôz-se por sua superioridade, foi ministro de moldes novos a dar—com segurança—a bôa lição de moral publica.

Insciente de dissimulos, de uma franqueza severa, não conhece os euphemismos—diz a cousa por seu nome verdadeiro—a verdade núa e crúa. D'ahi a sua força prestigiosa, d'ahi a sua alta respeitabilidade, d'ahi a temebilidade da sua palavra, dos assomos do seu caracter inflexivel.

A honestidade e a independencia são os polos do eixo— em que tem agido toda a sua vida privada e publica.

Olhando Silveira Martins a estrella de seus altos destinos, com o acerto do estadista de visão clara e rapida, debruça-se á amurada da nau, que singra as aguas do desterro e vae além-atlantico retemperar as forças, pedir ao silencio do exilio inspirações para o combate da grandeza de sua terra.

A patria acena para o exilado, invoca o seu civismo e o eminente patriota, ameigâdo de piedade filial volta e com o estoicismo do grego de Citium, com o calor de um propagandista e calma intrepida de um convencido, offerece lucta franca ao despotismo que solapa a nação— ameaçando-a de reduzil-a a escombros.

A Assembléa nacional franceza, um dia após a libertação do territorio em seguimento ao desastre de Sedan, penetrada de justiçoso sentimento levantava-se expontaneamente, automaticamente e apontando para um sublime velhinho, sentado a uma cadeira no vasto salão exclamava: «eis o libertador do nosso territorio». Era a homenagem antecipada da posteridade a Louis Adolphe Thiers que se dilatava nos rhythmos de um herói.

Modelando-se por aquelle rasgo de gratidão nacional, o povo brasileiro, envolvendo em respeitoso carinho o vulto homerico, que a esta hora dirige as hostes da libertação da patria no Rio Grande—acclama-o «o libertador da republica, o homem predestinado para o angustiado momento».

E' Silveira Martins o homem da actualidade. Todas as vistas do paiz se voltam para o inclito brasileiro—que esquece commodos e interesses pessoaes para se votar todo inteiro, corpo e alma, aos chamamentos da patria, cruciada na convulsão do desmantelo governamental.

Vem perto felizmente a hora dourada. Alvejam nos horisontes os tons festivos da victoria da democracia.

Coronel Salgado

1893

«Tenho o coração e a alma transidos da mais cruciante dôr e isto pelo facto de ter de separar-me de ti por tempo indeterminado; sim, que não posso conservar-me indifferente á lucta que ahi se trava entre os gloriosos defensores das liberdades patrias e os sustentadores do poder despotico. A's 10 horas da noute embarco para Montevidéo e alli chegando despirei a farda de coronel para vestir a blusa dos enobrecidos gaúchos de Joca Tavares». (1).

São palavras nobilissimas do eminente soldado, cujo retrato illustra a primeira pagina do nosso diario de hoje.

Bellissima explosão de seu entranhado patriotismo —revelação mais certa que a do oraculo de Calchas; de seu patriotismo, que se robustecera—de muito cêdo—por entre as explosões de balas que respeitosas lhe lambiam os pés no renhido das batalhas, de seu patriotismo, que ora se vaza no trecho citado, na carta ao Marechal Floriano, na «Ordem do dia» de 21 de Abril ao 2.º corpo do exercito libertador, com os lampejos e a febre de uma proclamação napoleonica.

Salgado fez-se soldado aos 16 annos, ganhando o seu primeiro galão na guerra do Paraguay. Orna-lhe o peito a medalha commemorativa de sua terminação, com 5 listras indicando os 5 annos de campanha e tambem a da rendição de Uruguayana em 1865.

Nesta hora inflamma-se elle de santo enthusiasmo pela mais santa das causas aos heroicos descendentes dos

---

(1) Topicos de uma carta que ao partir do Rio escrevêra á sua esposa em Porto-Alegre.

immortaes «Farrapos», fazendo de cada peito uma muralha—onde batem e fazem ricochête os projectis do despotismo.

O *Norte* orgulha-se de registar os applausos e acclamações do paiz ao acto de desprendimento e civismo do valente, rasgando seus bordados ganhos a rasgos de coragem, a golpes de bravura no serviço da patria, para melhor servil-a na legião da liberdade e do direito, ao lado de Silva Tavares.

As suas brilhantes qualidades militares—que o fazem nobre da linhagem da espada, disputam primasias aos seus predicados civis—que o fazem fidalgo d'esta fidalguia, sem par, inegualavel, dos benemeritos da patria e da humanidade. A sua *deserção* é valioso titulo ao reconhecimento de sua terra. Não é uma fugida, é um accudir prompto aos reclamos da patria angustiada. Salgado representa com seus abnegados companheiros a consciencia da nação revoltada contra o desmantelo que a corróe.

A republica veleja por mares desconhecidos, pilotada por palinuros descuidados e sem alma, como o de Enéas —que a atiram nos parceis, em 23 de novembro, em 10 de abril, em 17 de fevereiro, etc.

Mas tenhamos fé no futuro. A republica irá um dia á praia larga e remançosa de sua consolidação e da paz. Velam por ella com a devoção das vestaes pelo fogo sagrado. Tem motivos de justo desvanecimento, de legitimo orgulho a nação que conta filhos do tamanho de Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado.

Situação anormal

1893

Platão, o divino Platão, o sonhador daquella «Republica», bella como a visão maravilhosa da ilha da «Utupia», affirmava:—«a patria tem mais direitos, que nossos paes; ella é tambem nossa mãe, é immortal, é uma divindade».

O patriotismo dos gregos enclausurado dentro das fronteiras de suas *cidades*, com os seus prytaneus e heróes, distingue-se na historia por uma abnegação sublime, por encantadores rasgos de devotamento, concretizado no conceito do philosopho-idéalista mestre *d'il maestro di quei che sanno*. Amarás a patria *pro aris et focis*, com o amor de Abraham a seu Deus até o sacrificio do filho,

Mas o culto da patria apaixonado e energico, fervente e constante daquelles tempos, a santa paixão, que fizéra os heróes, passou, como um sonho, escondeu se por traz de outros sentimentos mais poderosos, de garras de abutre. E considerado na actualidade florianica sob aspecto diverso, é visto pelos olhos da cubiça, do interesse pessoal immediato, atravez do prisma do *primo mihi*.

E' assim que a republica brasileira, fundada incruentamente sob os melhores auspicios, acceita pelas sympathias do mundo inteiro, a recemvinda, a quem os velhos partidos no antigo regime respeitosos deram passagem, vae já pisando fios de sangue a engrossar, a avolumar-se para a caudal!...

As instituições tuentivas, affastadas da primeira impulsão dada, vão caminho errado sob a acção regressiva de homens vindos dos fundos do paiz de Lilliput, que só dão vasão a instinctos inferiores, preoccupados de nego-

cios da *maior* relevancia, esquecidos dos altos e momentosos interesses da communhão.

A paz official é uma mentira, é o mêdo de uns, a indifferença de outros, o affastamento, o desinteresse do povo pelos negocios publicos.

A rapida analyse do caso brasileiro patenteia que o mal-estar dos cidadãos deriva-se, não da igualdade politica consubstanciada na Carta federal, mas de desigualdades extra-constitucionaes, a que os timoneiros do governo dão corpo, fazendo a partilha do *primo mihi secundo tibi*, a divisão de felizes e condemnados.

A sociologia nos mostra, nos faz tocar como pedia S Thomé, na repetição dos factos sociaes com religioso escrupulo, os preceitos do «Principe» de Machiavel; desfralda a flammula vermelha do morticinio de irmãos, dos assassinatos politicos. Acena com o ramo de oliveira e fere com o gladio de guerra aos incautos confiados da sinceridade promettida.

Desgraça aos vencidos! o clarão do bombardeio derrama a treva do lucto nacional. A lava do desmantelo institucional calcina do sul ao norte do paiz. Facto unico na historia nacional—é o governo—o aggressor, o revolucionario, o matador. As lagrimas dos orphãos, os soluços das viuvas, o pranto dos desarrimados, o sangue dos patriotas espalham a desolação por toda a parte, onde chega a politica dos Agatocles, dos Oliverotto, a politica da ruina da patria.

O canhão, que era outr'ora a ultima razão dos reis, é a primeira dos dominadores do 23,

A paz em que descançava o Estado fôra varrida pelo tufão revolucionario.

O desmantelamento institucional era elevado á cathegoria de programma de governo. Começaram então as perseguições, as extorsões sem medida.

Até quando?

Para onde caminham?

Nos preceitos da ethica governamental dos vencedores paira o odio, cruza o sentimento da vingança, res-

pira a preoccupação de não dar treguas aos vencidos, esvoaça o anjo do exterminio...

Onde a fraternidade apregoada?

Mordidos (possivel?) da acção feia praticada, do delicto negro commettido, perseguem aos homens de bem para se atordoarem talvez, para apagar aquella nodoa preta, como a consciencia de um fratricida.

Quousque tandem?

Sob R[redacted]nas

1893

Marc Caussidière, publicista francez da revolução de 1848, empregou uma expressão felicissima, que traduz com clareza a crise actual do paiz e especial do Ceará-- fazer «a ordem com a desordem».

A desordem armou suas tendas nos sitios da conquista.

A injustiça teve seus adoradores, que queimaram e queimam incenso e myrrha em suas aras

De facto a desordem alastrou todo o Estado e impoz-se de modo a vencer todas as resistencias, a constituir a nova ordem, no meio da indifferença de uns e do terror da maior parte.

A «reconstrucção do Estado é a negação frisante e viva da ordem, da segurança da sociedade. Continúa na plenitude o desgoverno.

Hontem esta capital despertou entristecida, de novo aterrorisada pelas musicas jubilosas da ferocidade do corrilho, que a bombardeou. O pequeno grupo que, armado dos La Hitte federaes, assaltou o governo, solemnisou com musicas, foguetes, illuminações, ferias, a matança da noite lugubre de 17 de Fevereiro, a maior da nossa historia por seu negror. Emquanto os sinos das velhas torres da cathedral dobravam a finados, na commemoração dos patriotas mortos a metralhas, na defesa da autonomia do Estado, os homens do desmantelo riam cruelmente do infortunio, que para elles devia ser «*a mancha de sangue de lady Macbeth*» .. mas elles fecham-se hermeticamente aos sentimentos de benevolencia e patriotismo, entrincheiram-se nas estacadas dos proventos officiaes e tam-

sica—que se prolonga á politica. As coleras santas e vingadoras do povo, explodem dos abusos, das arbitrariedades, dos excessos do poder.

O nosso desgoverno considera o maior dos absurdos —a reparação de uma injustiça, não crê de bôa politica a menor concessão ou antes o mais simples acto de justiça aos adversarios; faz alarde do despreso das normas do decoro administrativo e da justiça.

Um general de Felippe, conta Polybio, levantara em Naxos um altar á impiedade e á injustiça, as verdadeiras divindades daquella escura epocha que se afogava na podridão.

Teremos voltado á immoralidade, á corrupção daquelle tempo? Teremos novas aras áquellas divindades?

A justiça se vela e foge espavorida.
